

# O Carnaval lisboeta visto por um poeta brasileiro

É domingo de Carnaval, já no seu quasi crepúsculo.

Abro a minha janela que espiá esta avenida larga — e aspiro. Fundamente aspiro, como um fauno de esquina aspiro o rastro de uma «fourrure» perfumada que passou. Quero sentir, no ar leve e frio d'êste portal de Europa, aquele cheirinho de éter que é toda a atmosfera carnavalesca, todo o oxigénio de que precisamos aí para viver o Carnaval; quero descobrir, neste cheiro de cidade velha e fechada, moçada de inverno, aquele «bouquet» éterizado de que usa a quente «dame créole» (madame a son mélange...) que Portugal descobriu: — «Acácia», «lilas blanc», «bouquet des chaps», «tréfle-à-quatre», «peau d'Espagne», «héliotropes»... Nada. Apenas um cheiro de cidade, um cheiro de humanidade...

Oito estudantes passam, de batina e capa, atrás de uma guitarra. Cinco crianças vestidas pelo manequim de Lenci (organdi e feltro recortado) são levadas em automóveis para uma «matinée» infantil. Uma charanga monárquica, fardada de azul-vivo e branco, quebra uma esquina, partindo o silêncio da tarde com seus pistões niquelados. Dois fidalgos, montados à Mariálva, nobiliarquizam um pouco o arzinho mestre-dre-obras destas Avenidas Novas...

Fecho a janela e abro um jornal do dia. Três duas crônicas de Carnaval. Fala-se, aí, do passado: dos tempos do «ché-ché» — figura típica do entrudo lisboeta — quando, no Chiado, zuniam os tremoços e os cartuchos-de-pó e os ovos-de-cinza... E fala-se muito numa «alta de vocação para a alegria»; na obrigação histórica da saudade; no «choradinho»; num «sebastianismo mórbido tornado instituição nacional»; num «ar dramático de quem suporta fatalismos ou destinos que não provocou nem lhe agradam»; num «povo enfadado e sorumbático»... etc...

Ah! Então é por isso? É assim, então? E eu que pensava que sómente lá no meu sul, lá naquele planalto paulista tão naturalmente sózinho entre montanhas isolantes; sómente lá, no tédio longo e gris da avenida paulista, com o seu «corso» de «limousines» pretas, enquadrando seriedades adoráveis, também de preto; sómente lá o Carnaval era triste...

Que bom! que consolo! Cá e lá...

A propósito: — ainda há pouco, neste dia de Carnaval, em casa de um amigo português, cometi a «gaffe» bem «métique» de elogiar o «fado». O português, meu amigo, horrorizou-se logo: disse-me que o fado era uma coisa inaudível.

— O samba, sim! Fale-me disso! Este, por exemplo...

E cantarolou, para eu ouvir, um samba brasileiro, velho e péssimo. E eu tive que interromper:

— Perdão, meu amigo! Cá e lá maus fados há!

O Carnaval passou por esta Costa do Sol, como passa um «frisson» pelas costas alvas de

*Guilherme de Almeida é um nome literário no Brasil. Poeta consagrado pelo público e pela crítica, é membro da Academia Brasileira de Letras. A política trouxe-o até Lisboa. Aqui esteve alguns meses. Do que ia vendo, escreveu crônicas para o Brasil. Agora juntou-as em volume. Den-lhe o sugestivo título de «O meu Português». Dêsse apanhado de artigos, damos hoje aos nossos leitores um deles, que se refere ao Carnaval lisboeta. Tem toda a actualidade. Guilherme de Almeida, é uma das figuras de maior relevo nas letras brasileiras. É um poeta. Como poeta escreve em prosa. Esta crônica, que hoje estampamos na Ilustração, mostra-nos bem a alma política de quem as escreve.*



Guilherme de Almeida

Aí eu ouvi a malandragem crioula daquele:!

*«Infelizmente eu trabalho muito...  
Infelizmente eu trabalho muito...»*

Aí se esparramou o «humour» suado e molengo da brindeadeira «bbsbec» daquele:

*«Querria te ver no Inferno  
De ventarola...  
Que boa bola!»*

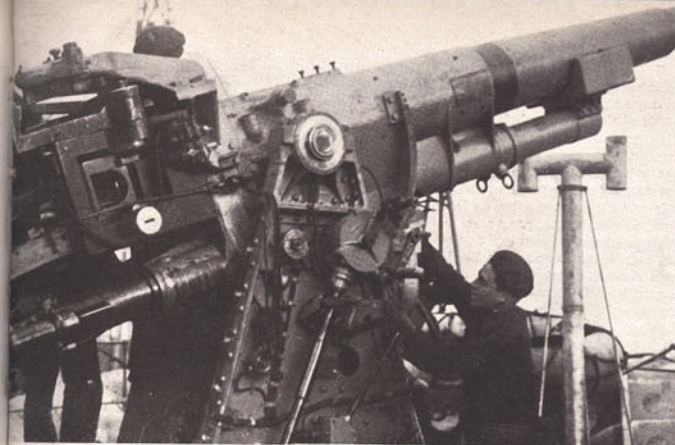
Aí se exalou e rodou no ar, como um perfume bezuntado e doce de Óleo de Oriza derretido de sol numa gaforinha bem picchaim, este amorzinho pardo do «Mulato de Qualidade»:

*«Tenho amor, tenho carinho,  
Tenho tudo, até paucada...»*

Aí...

Ah! Aí eu senti aquela melancolia arrependida que é a pior espécie de saúde: a saúde de uma coisa que a gente não teve. Sabem? O «spleen», a desastrosa tristeza daquelas fotografias tardias que as revistas daí costumam publicar dias, muitos depois da Cinzas, sob o título «Ecos do Carnaval?». Foi isso que eu tive: mas sem imagem; tudo em sons. Foi como se, fechado no escuro de uma sala de cinema, eu assistisse, mas de olhos vendados, a um filme sonoro...

Guilherme de Almeida.

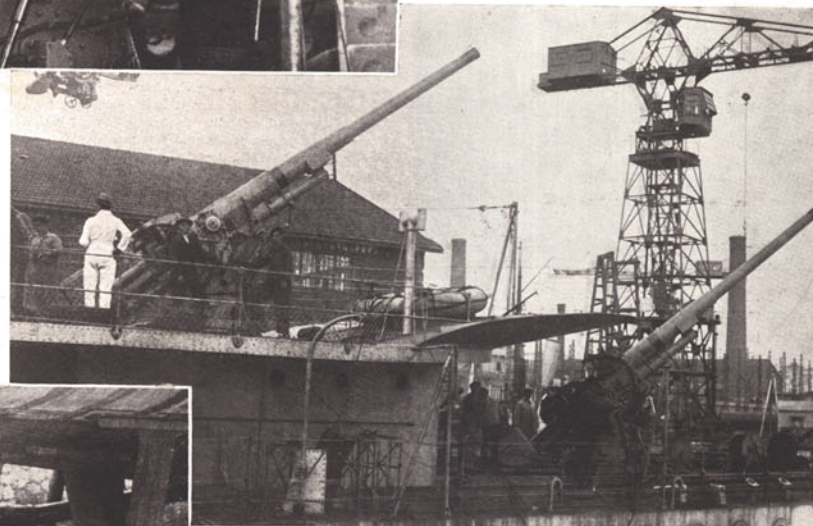


Em cima: um dos canhões de maior calibre do contra-torpedeiro «Tejo» durante a montagem

A direita: dois dos canhões de 120mm do novo barco de guerra

Em baixo: a colocação das hélices

No final da página: o contra-torpedeiro «Tejo» navegando a grande velocidade na baía de Setúbal, durante as provas de mar



Está concluído mais um navio do programa naval em execução: o contra-torpedeiro «Tejo», construído em Portugal e por operários portugueses, nos estaleiros da Sociedade de Construções Navais, navio que, por sinal, não ficará, bem como o «Douro» pertencendo à Armada Portuguesa, pois foram os dois cedidos, em condições especiais, à casa inglesa Vickers, que assim o pediu ao governo português, para satisfazer uma encomenda urgente que teve de um país sul-americano.

O sr. dr. Oliveira Salazar e o ministro da marinha sr. comandante Mesquita Guimarães, resolveram de acordo com os restantes membros do governo, autorizar essa cedência, atendendo a que, a construção em Lisboa de dois novos barcos para substituir estes, vem garantir, durante dois anos, trabalho a cerca de mil operários portugueses.

O «Tejo» e o «Douro» são os dois maiores barcos construídos em Portugal, desde 1910. Pelo seu acabamento e perfeição de toda a montagem, eles representam legítimos títulos de orgulho para o operário português e vão honrar lá fora a indústria nacional. Com a velocidade máxima de 37,2 milhas à hora e com uma artilharia que atinge 22 quilómetros, o «Tejo» e o «Douro» levarão ao país a que destinam uma bela e perdurável prova do progresso português.

Deslocam 1.600 toneladas, medem cerca de 100 metros de comprimento e são artilhados com 4 canhões de 120mm, 3 anti-aéreos de 40mm, 8 tubos lança-torpedos e 2 lança-bombas de profundidade contra submarinos cada um.

O raio de acção de cada um destes contra-torpedeiros é de 5,500 milhas, à velocidade de cruzeiro, que é de 15 milhas.

